



“É mais fácil financiar um ‘think tank’ situado à direita”

Políticas públicas Ao fim de um ano, é já o mais activo ‘think tank’ nacional. Paulo Trigo Pereira fala sobre os objectivos - e as dificuldades.

Marta Moitinho Oliveira
marta.oliveira@economico.pt

No ano passado, o Instituto de Políticas Públicas (IPP) Thomas Jefferson-Correia da Serra construiu o primeiro orçamento cidadão para mostrar onde o Estado ia gastar em 2014 o que empresas e famílias pagariam de impostos nesse ano. Já em Maio deste ano, o ‘think tank’ fez uma análise ao Documento de Estratégia Orçamental apresentado pelo Governo, onde defendeu que era possível ter um défice superior à meta de 2,5% do PIB e respeitar o tratado orçamental. Um mês depois, apresentou uma proposta para a reestruturação da dívida pública. No início de Outubro foi co-organizador da conferência “Afirmar o futuro” da Gulbenkian e agora tem em mãos o Budget Watch - um projecto que tem como objectivo escrutinar o Orçamento do Estado para 2015, que o Executivo acabou de apresentar. Com todo este trabalho no currículo afinal o que é e para que serve o pioneiro IPP?

Constituído por professores universitários e investigadores, o IPP é uma associação de direito privado que tem como objectivo tornar o debate público e as decisões políticas mais inteligentes e informadas. À conversa com o Diário Económico, Paulo Trigo Pereira - economista, professor no ISEG, em Lisboa, e presidente do IPP - explica as consequências de decisões políticas que não estão bem fundamentadas: os partidos que vencem as eleições “cumprem o que prometeram e fazem coisas completamente irrealistas e utópicas” que “não resolvem os problemas do país”, ou “passam a fazer o contrário e defraudam os eleitores” o que é

“Um partido que dissesse que ia baixar impostos e aumentar a despesa ganhava as eleições. Sem ‘think tanks’ isso é possível”, argumenta Paulo Trigo Pereira.

O QUE JÁ FEZ O IPP

- Proposta para reestruturar a dívida
- O primeiro orçamento cidadão, para mostrar onde o Estado gasta o dinheiro dos impostos.
- Escrutínio dos planos do Governo em finanças públicas, como o chamado DEO e o Orçamento do Estado.



Paulo Trigo Pereira, presidente do Instituto de Políticas Públicas Thomas Jefferson-Correia da Serra, admite que o facto de ser uma “pessoa de centro esquerda” acaba por influenciar as áreas que são escolhidas para análise.

“muito mau” para a democracia.

O especialista em finanças públicas pega no exemplo da Segurança Social para destacar a importância da população estar informada. Todo o debate sobre a sustentabilidade da Segurança Social - se é preciso cortar pensões - pressupõe a existência de um diagnóstico, porque “se as pessoas não sabem o que se está a passar, depois revoltam-se” quando vêem os cortes. “Se temos fraco crescimento económico, um envelhecimento da população, um saldo migratório desfavorável e baixa taxa de fecundidade quer dizer que isto mudou”, conclui.

Trigo Pereira defende que é para isso que serve o IPP - produzir conhecimento e difundir-lo. Para que os partidos não façam o que fizeram até à actual crise: “Um partido que dissesse

que ia baixar impostos e aumentar a despesa pública, ganhava eleições”. “Sem ‘think tanks’, isso é possível”, defende o economista que lembra que “todos os países têm ‘think tanks’ fortes”.

O IPP nasceu em Abril de 2013 e tem tido um papel activo no debate sobre finanças públicas. Classifica-se como partidário e independente mas, apesar da “diversidade” ideológica da direcção, o presidente da instituição admite que o facto de ser uma “pessoa de centro esquerda” acaba por influenciar as áreas que são escolhidas para análise. Foi à esquerda que começou a ser defendida uma meta do défice mais alta do que os 2,5% para o próximo ano, bem como a reestruturação da dívida pública (tema em que o PS agora modera o tom - veja

texto na página 12).

A conotação ideológica do IPP está também a afectar a capacidade de financiamento do instituto, que Trigo Pereira reconhece ser o “calcanhar de Aquiles” da instituição. O economista diz que a base de apoio financeiro tem de ser alargada, mas admite que “é muito mais fácil arranjar financiamento para um ‘think tank’ situado claramente à direita do que um think tank que apesar da diversidade se situa no centro-esquerda”. E deixa um recado para os potenciais financiadores: “É muito importante que apoiem um ‘think tank’ como o IPP, que tem pessoas que pensam de forma diferente, porque muito provavelmente o que vai sair das próximas eleições será um Governo de coligação em que é importante que haja estudos feitos com diferentes perspectivas.” ■